



# IOLE DE FREITAS: FAZER O AR

*Obras recentes e inéditas da artista espalham-se nas paredes e no chão das salas expositivas do Paço Imperial, revelando potência e beleza estética em mantos esculpidos em papel*



*Mantos e, ao fundo, Escada*

Foto: Vicente de Mello

Com mais de 50 anos de trajetória, Iole de Freitas continua produzindo e experimentando novos materiais. A partir do dia 15 de março, a artista apresenta sua mais nova pesquisa na exposição *“Fazer o ar”*, no Paço Imperial, com curadoria do poeta Eucanaã Ferraz. A mostra revela 25 trabalhos inéditos, que exploram o volume e o ar. São obras em grandes dimensões, chamadas *“Mantos”*; feitas com papel glassine, em tamanhos que chegam a quase 4 metros; seis esculturas de outra série inédita, *“Algas”*, em aço inox; e a obra *“Escada”*, feita há dois anos, mas com uma montagem original na exposição.

Nos novos trabalhos, Iole surpreende ao utilizar o papel glassine como matéria, formando a série *“Mantos”* – majestosas esculturas de papel que ganham vida a partir da incorporação do ar também como matéria. O papel glassine é mais comumente usado como embalagem das obras de arte, para conservá-las e acondicioná-las. *“É um papel que foi pensado para proteger uma obra. Aqui, porém, ele não existe como um envoltório – e sim como algo que, trabalhado, guarda em si a expressão de uma linguagem”* – explica Iole. *“Gosto de deslocar a funcionalidade das coisas, de subvertê-las; tomo a capa da coisa e faço dela a substância da forma”*, revela.

A pesquisa para estes trabalhos começou há mais ou menos quatro anos. Para realizá-los, o papel é preenchido com ar, para inflá-lo e criar grandes superfícies, que então recebem água, areia e cola, e que assim vão moldando, esculpindo e estruturando o papel, até formar os *Mantos*. Alguns ainda ganham novos elementos, como cobre, palha e pedras gipsitas.

*“Iole testa em cada obra as verdades físicas de seu corpo e do material que utiliza. Basta ver, para inferirmos o quanto as formas nasceram da peleja, da disputa entre o gesto e o papel. É flagrante a atuação de uma inteligência física. O papel era liso, neutro, sem corpo nem memória, sem ar, inerte, ausente. Iole soprou nele. Deu a ele o sopro da vida. O papel, agora, está vivo. Veja: ele respira – afirma o curador Eucanaã Ferraz.*

Os *Mantos* impressionam por seu tamanho, volume e beleza estética. *“Trata-se de um processo e de uma poética sobre como inflar uma matéria para que ela traga ar dentro dela, criando um volume. Trata-se de um grande esforço físico, que tem uma atuação corpórea quase coreográfica – afirma a artista, que ressalta ter tido como referência as obras “O Êxtase de Santa Teresa” e “O Êxtase da Beata Ludovica Albertoni”, de Bernini (1598-1680), e também as Pietàs de Michelangelo (1475-1564).*

*“Dos Mantos de Iole irradiam-se imagens dos planejamentos da estatuária grega clássica, levados adiante pelo universo da arte romana e pelo Renascimento. O*

*efeito simulava na pedra a aparência de um tecido folgado ao redor de um corpo, formando pregas, dobras, ondulações, volumes. Compunha a própria anatomia: pernas, braços, cinturas, dorso. Era o empenho possível para a representação – impossível – do próprio ar. Nos Mantos, o antiquíssimo problema do ar, representado pela matéria esculpida, converte-se no problema da incorporação do ar como matéria – diz o curador.*

Há um único *Manto* vermelho na exposição. Todos os outros são brancos. *“A cor vermelha/rubra traz uma dramaticidade, que vem também das grandes e pesadas cortinas que emolduram os palcos – como as do Teatro Municipal, no Rio de Janeiro, onde dancei. Esta experiência ficou impregnada em mim como um momento dramático de determinada cena”, conta a artista, que é formada em dança contemporânea.*



*Manto Vermelho*  
Foto: Vicente de Mello



Algas

*“O Manto vermelho nos fere, como o único ponto de cor em toda a exposição. Contrário ao branco, o vermelho afirma no espaço sua disposição corpórea, material, oposta à vaga espiritualidade da brancura circundante. É um centro gravitacional, um fio-terra, uma ferida. O Manto Vermelho faz tudo descer à realidade primeira: o corpo. Sangue, vida e morte”, completa Eucanaã Ferraz.*

Em diálogo com os *Mantos*, encontram-se seis esculturas que compõem outra série inédita, *“Algas”*, todas produzidas em aço inox, que também trazem, em sua poética, a questão do ar. *“Algas e Mantos formam o mesmo espaço. Fundam-se na redescoberta de algo muito primário e vital: a respiração”* – reafirma Eucanaã Ferraz. *“As Algas conversam com o fundo do mar, com a areia e também com o ar. Elas produzem mais da metade do oxigênio do planeta”,* ressalta a artista.

Na última sala da exposição está a *“Escada”*, obra composta por uma estrutura em aço inox feita de cortes, dobras e soldas, que se assemelham a degraus. Colo-



Fotos: Vicente de Mello

cada na parede, dividida em duas partes, é exibida junto a dois vídeos com registros de performances que a artista realizou com seu neto Bento Dias. Produzida em 2023, a obra terá montagem inédita na exposição.

*“Desordenada e arquitetonicamente extravagante, verticalizada numa grande parede, a Escada, assim como as Algas, é arabesco, é enorme; é, como os Mantos, um (dois) plano(s) amarrotado(s). Mas o ar parece ser o mais importante ponto em comum: sem um endereçamento místico ou mítico, a verticalização da Escada nos sugere o alto como pura abertura – movimento desimpedido, circulação, respiração, vento. Tudo tende à verticalização, como se o ar tivesse de ser buscado no alto”,* diz Eucanaã Ferraz.

Durante o período da exposição, o grupo Laboratório 60 – formado por Bea Aragão, Bento Dias, Cecília Carvalhosa, Gil Duarte e Ísis Lua – fará uma apresentação de dança no espaço expositivo, interagindo com as obras da artista. A exposição também terá um catálogo, a ser lançado ao longo do período da mostra.



*Escada e vídeos performance*

Foto: Vicente de Mello

## **SOBRE A ARTISTA**

Iole de Freitas (Belo Horizonte, 1945) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Iniciou sua formação em dança contemporânea no Rio de Janeiro, para onde se mudou aos seis anos de idade. Estudou na Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, em 1970, mudou-se para Milão (Itália), onde trabalhou como designer no *Corporate Image Studio* da Olivetti, sob a orientação do arquiteto Hans von Klie. No mesmo período, iniciou sua produção artística e sua participação em exposições.

Ao longo de mais de cinco décadas de carreira, a artista participou de importantes mostras internacionais, como a Bienal dos Jovens de Paris (França, 1975), a Bienal de São Paulo (1981, 1998), a 5ª Bienal do Mercosul (2005) e a Documenta 12, de Kassel (Alemanha, 2007), além de realizar mostras individuais e integrar coletivas em várias cidades do mundo. Vale destacar, em 2023,

as exposições individuais no IMS (Instituto Moreira Salles) e no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

Os trabalhos de Iole de Freitas integram importantes coleções, como a do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo; dos Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro; do Museu de Arte Contemporânea de Niterói; do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro; do Museu de Arte do Rio; do Bronx Museum (EUA); do Museu de Arte Contemporânea de Houston (EUA); do Museu Winnipeg Art Gallery (Canadá) e da Davos Foundation (Suíça).

## **SERVIÇO**

***Iole de Freitas: Fazer o Ar***

*Abertura:* 15 de março, das 15h às 19h

Até 11 de maio

*Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial*

Praça XV de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

*Dias/Horários:* terça a domingo e feriados, das 12h às 18h

Entrada gratuita